

Nem ministro suporta o tédio da última sessão

O ministro da Saúde, Alcení Guerra, cancelou todos os compromissos agendados para a tarde de ontem e foi assistir à última sessão do Congresso Nacional. Queria matar saudades dos tempos de deputado. Sentou-se no fundo do plenário disposto a permanecer ali por "umas três horas". Mas Alcení não suportou o tédio da sessão e foi embora 50 minutos depois de ter chegado. Se tivesse ficado mais tempo, assistiria a uma sessão melancólica. Dos 570 parlamentares, 290 passaram no plenário, mas menos de 50 permaneceram na sessão. "É o retrato da desmoralização do Legislativo. Ninguém dá importância ao que acontece aqui", constatou o deputado Paulo Delgado (PT-MG).

A grande maioria dos parlamentares derrotados nas urnas não apareceu na última sessão. Além de evitar despedidas, fugiam de um encontro, nos corredores, com os novatos, que foram responsáveis por suas derrotas. "Eu fiquei triste no penúltimo dia. Os meus amigos foram embora. Mas eu quis ficar até o último momento", desabafou o deputado Chico Pinto (PMDB-BA), que não tinha chances para disputar a reeleição. Na noite de quinta-feira, o Aeroporto de Brasília ficou cheio de derrotados. "Foi uma choradeira", contou

Chico. Depois de 16 anos de Câmara, ele não sabe o que vai fazer. Só tem uma certeza: fica em Brasília.

Mais melancólico do que Chico Pinto, apenas o presidente da Câmara, deputado Paes de Andrade (PMDB-CE). Foi rapidamente até o plenário para marcar sua presença. Sentou-se ao lado de dois outros derrotados. Para quem tem 40 anos de carreira política, a última sessão tem um gosto amargo. Sem graça, recebeu um abraço da deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), que disse torcer pelo seu retorno daqui a quatro anos. Até lá, ele vai escrever livros.

Bem-humorado, o deputado Fernando Santana (PCB-BA) aproveitava o descaso dos parlamentares pela sessão para pedir favores. "Você pode levar uma das minhas malas?", pedia. Conseguiu arrumar carregadores para cinco das oito malas. Derrotado, despachou a mudança, mas acabou ficando com muito mais coisas do que pretendia. Preferiu ignorar a última sessão e fez um longo discurso sobre a guerra no Golfo Pérsico. "Não vou ficar neurótico por estar longe disso aqui", proclamou. Aos 76 anos, ele vai recomeçar a vida em Salvador com um escritório de engenharia — profissão que não exerce desde 1982.

Para sentar pela última vez no plenário do Congresso, o deputado Samir Achoa (PMDB-SP) não mediu esforços. Na véspera, sofreu uma intervenção cirúrgica num dos olhos, mas abandonou o repouso e participou da sessão com oito tipos de medicamentos no bolso. "Acho que ele tem razão. Se eu não tivesse sido repleto, ficaria aqui até o fim", opinou o deputado Haroldo Sabóia (PDT-MA). O esforço de Achoa, no entanto, não foi recompensado. Nenhuma das celebridades do Congresso Nacional discursou. O descaso com a sessão foi tanto que os deputados do PSDB, que estavam tendo uma reunião de bancada, só deram uma passada para registrar presença.

"Amanhã, vou passar o bastão", resignou-se o deputado Adolfo Oliveira (PL-RJ). Lacônico, ele comentava a emoção dos momentos finais no Congresso. Após 32 anos de vida legislativa, ele não sabe o que vai acontecer na sua vida. Está à espera de um convite para trabalhar como assessor na Câmara. É a mesma situação do deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ). Embora negue que queira um emprego no Legislativo, ele trabalha, nos bastidores, para ocupar a Diretoria Geral da Câmara. Até agora, começa a oferecer sua assessoria para os novatos.